

O SONHO COMO AUTODIAGNÓSTICO DA PULSÃO: CULTIVANDO VIRTUALIDADES

Maria Eduarda Parizan Checa¹

RESUMO

Este trabalho busca escutar os sonhos em seu potencial de transmutação da subjetividade. Inspirada por um trabalho pragmático dos sonhos, que busca o seu potencial de criação de mundos, bem como pela visão destes como direcionadores de um tratamento pulsional do inconsciente, é que tenho entendido os sonhos como um autodiagnóstico da pulsão: ou seja, a potencialidade da própria pulsão, que se expressa por meio das formações do inconsciente, de diagnosticar a si mesma. Este trabalho, que tenho entendido como decifração dos sonhos, diferencia-se da interpretação psicanalítica, já que nesta última o sonho é associado a cadeias significantes e dele se busca extrair um significado. No tipo de escuta que aqui se propõe, trata-se de não submeter o conteúdo do sonho a um sentido pré-estabelecido, mas de entendê-lo como um verdadeiro ato performático do inconsciente que, ao se fazer escutar, nos leva ao ato de sonhar junto.

PALAVRAS-CHAVE: *sonho, pulsão, clínica psicanalítica.*

¹ Psicóloga e poeta LGBTQIA+; mestre e doutoranda em Psicologia Clínica pela PUC-SP - Núcleo de Subjetividade, sob a orientação de Suely Rolnik; autora do livro "Desobrar-se" (Editora Hecatombe, 2021). Pesquisa as relações entre as dissidências sexuais e de gênero e a construção de uma prática clínica contraficcional, orientada por um plano de imanência da ética. Atua como psicóloga clínica, é voluntária na Casa 1 e editora da Revista Cadernos de Subjetividade. Orcid-ID: <https://orcid.org/0000-0002-1493-8062>. E-mail: duda.checa@gmail.com.

THE DREAM AS A SELF-DIAGNOSIS OF DRIVE: CULTIVATING VIRTUALITIES

ABSTRACT

This work aims to listen to dreams in their potential for transmutation of subjectivity. Inspired by a pragmatic approach to dreams, which seeks their potential for world-creation, as well as by the view of dreams as guides for a drive-oriented treatment of the unconscious, I have come to understand dreams as a self-diagnosis of the drive: that is, the potentiality of the drive itself, expressed through formations of the unconscious, to diagnose itself. This work, which I understand as the deciphering of dreams, differs from psychoanalytic interpretation, since in the latter the dream is associated with signifying chains from which meaning is extracted. In the mode of listening proposed here, it is not a matter of subjecting the dream's content to a pre-established meaning, but of understanding it as a true performative act of the unconscious that, by making itself heard, leads us to the act of dreaming together.

KEYWORDS: *dream, drive, psychoanalysis.*

INTRODUÇÃO

Este trabalho se dedica à investigação da potência de decifração pulsional do inconsciente que uma escuta do sonho teria, como um dispositivo ético-estético-político na clínica. Enquanto parte de minha atual pesquisa de doutorado, este trabalho propõe pensar sobre uma pragmática dos sonhos que compreenda o exercício do sonho como um exercício pulsional (Schiavon, 2019). E por exercício se entende não apenas o ato de sonhar, mas a produção de um relato e de uma escuta que estejam à altura do que o sonho produz, enquanto expressão proto-estética de um inconsciente maquínico (Guattari, 1981).

Essa proposta busca imaginar um futuro em relação à tradicional abordagem psicanalítica sobre os sonhos, ao propor pensá-los como máquina produtora de sentidos, em vez de concebê-los em sua representação; o que demanda também uma torção no tratamento que é dado ao sonho: em vez de interpretá-lo, trata-se de decifrá-lo. Em relação a esse tratamento proposto aos sonhos, trago ao final o modo como o povo Yanomami se relaciona com o ato de sonhar, como parte da vida real, fazendo com o sonho um trabalho clínico sobre o cosmos. Hannah Limulja (2022) produziu uma etnografia dos sonhos yanomami, e traz nela a perspectiva ecológica que os sonhos têm quando funcionam como “desejo dos outros”, ou seja, quando correspondem ao fora, e não ao particular de um indivíduo, como os sonhos são comumente tratados na visão eurocêntrica.

Para fazer esses movimentos teóricos, trago o referencial de Félix Guattari, Suely Rolnik e João Perci Schiavon, no que esses autores compreendem como inconsciente maquínico, exercício pulsional, inconsciente colonial-capitalístico e proto-estética.

Além disso, trago alguns exercícios de sonho, em forma de relatos, para dar matéria ao que venho nomeando como um exercício de decifração dos sonhos. Como se trata de uma pesquisa em andamento, os resultados são embrionários e estão embutidos nos relatos de sonho produzidos. O que tenho entendido até aqui é que tal exercício pragmático de decifração se faz como uma prática clínica orientada por um inconsciente pulsional e extemporâneo, no qual o sonho se expressa como arqueólogo de futuros, ou de virtualidades, e cuja decifração o faz um potencial aliado de uma escuta clínica que se coloca à altura da pulsão.

DESENVOLVIMENTO

Entendo o sonho como um real virtualmente instaurado pelo inconsciente, cuja apreensão neurótica faz com que ele seja assimilado a partir do que nele remete à realidade psíquica pré-estruturada pela neurose: ou seja, do modo como é tradicionalmente interpretado pela psicanálise, o sonho está sempre orbitando em torno da neurose, do eu, ainda que não esteja situado dentro dela, quando ele é entendido pelo que nele remete à realidade individual de quem sonha. Mas os sonhos podem e pedem mais. Ao elaborar sobre a "pragmática Kafkiana do sonho", Guattari (2022) diferencia a abordagem de Kafka do trabalho psicanalítico, que escuta o sonho em sua potencial representatividade, buscando interpretá-lo, ou submetê-lo à ordem simbólica dominante.

A abordagem de Kafka em relação aos sonhos se faz na medida daquilo que não é interpretável, tratando de não submeter os pontos sem sentido a um encadeamento simbólico que os explicaria. Pelo contrário, deixa-se que os pontos sem sentido sigam desconexos, para que dessa amplificação sejam criados outros focos de sentido não subjugados à ordem simbólica. Essa pragmática foi amplamente estudada por Deleuze e Guattari em seu potencial clínico, entendendo sobretudo o próprio fazer literário de Kafka como uma máquina da qual proliferam singularidades.

Tenho pensado nas opacidades e transfigurações que ocorrem nos sonhos como exercícios daquilo que Freud (1905) entendia como uma expressão perverso-polimorfa da sexualidade, ou do que Guattari (2012, p. 116) entendia como uma "subjetividade polissêmica, animista e transindividual", ou seja, como expressões de uma subjetividade que acontece fora do que é estruturado pela neurose; ou um processo de subjetivação para além do processo neurótico.

Durante uma aula do professor João Perci Schiavon na PUC-SP, ele disse que "o sonho é um diagnóstico e também um prognóstico"². Penso que esses sonhos exercem um diagnóstico fora da identidade, da individualidade e da neurose, funcionando enquanto contra-diagnósticos: diagnósticos que vertem as potências que transtornam a ordem simbólica vigente, ou a norma, contra ela mesma. Acompanhando o pensamento de

² Frase dita pelo Prof. Dr. João Perci Schiavon em aula.

Schiavon, proponho que os sonhos possam ser pensados como autodiagnósticos da pulsão; ou, em outras palavras, que os sonhos possam ser clinicamente considerados a partir de seu potencial de realizar um diagnóstico ético e estético do exercício da pulsão.

Como a pulsão é a única forma de avaliar um processo eticamente, e não moralmente, uma avaliação para além do juízo moral, ou do pensamento racional (de vigília) exigiria que a pulsão fosse exercida por meio das suas formas de expressão, que são as formações do inconsciente (lapso, ato falho, sintoma e sonho). Ao ser exercida é que ela poderia ser também uma bússola ética. É nesse sentido, enquanto potenciais bússolas éticas, que os sonhos são considerados clinicamente como autodiagnósticos da pulsão. E é também por isso que eles são prognósticos, ou *larvas*, porque possuem um certo tato com as virtualidades. Ecologicamente, os sonhos são verdadeiras chocadeiras, são máquinas vivas que transmitem às larvas (ou virtuais) o calor necessário para mantê-las vivas.

A vida de Kafka, segundo ele mesmo, aparentava-se a um sonho em alguns momentos. Esse dizer kafka nos acena uma proximidade sensorial entre o sonho e a vida de vigília. A respeito de como ele concebia os sonhos, Guattari (2022) relata que ele se afastava do trabalho psicanalítico dos sonhos e de sua atenção flutuante; para Kafka, os sonhos demandam um trabalho de vigilância, inteligência e sensibilidade intensas. É por isso é que é possível o sonho se assemelhar à vida em alguns momentos, pois tal trabalho sobre os sonhos fazia a sua vida tocar a dimensão do sonho, associar-se a ela.

Isso sugere um encontro entre sonho e vida que cria uma zona de opacidade, fazendo com que essas dimensões possam coexistir, não enquanto duas dimensões que se referenciam uma à outra, mas sob um mesmo plano de experiência: um sopro do ar do sonho para a consciência.

Em seu diário, Kafka escreve: "Sempre e de novo a imagem de uma larga faca de açougueiro que, a toda a pressa e com regularidade mecânica, penetra-me pelo lado e me arranca fatias muito finas, as quais, dada a rapidez do trabalho, voam quase enroladas para longe" (KAFKA, 2021, p. 294). Tal imagem, em sua repetição, convoca uma sensação onírica quando imaginada: um corpo sendo mecanicamente fatiado por uma faca de açougueiro, um corpo em sua função de carne, um corpo sendo transformado em uma poética conjunção de finas camadas de uma outra coisa.

E é isso que faz com que a sua obra esteja conectada por vários fios com cartas e sonhos descritos em seus diários. Essa rede sonhos-pensamentos-cartas-romances é a máquina que coloca em operação a criação de kafka, na qual vida e obra não apenas se tocam, mas também convocam uma à outra a um funcionamento maquínico mútuo.

Ao elaborar sobre a "pragmática Kafkiana do sonho", Guattari (2022, p. 8) destaca a diferença dela em relação à abordagem psicanalítica sobre o sonho, na qual os elementos provenientes do magma indiscernível do inconsciente vêm à tona e são solidificados pela ordem simbólica dominante, que lhes confere consistência, ou sentido. Nessa lógica, o trabalho do psicanalista é interpretar essa massa sólida, desmontá-la e remontá-la a partir das marcas transferenciais que ela apresenta no discurso do paciente.

A abordagem de kafka é completamente diferente, o seu trabalho começa no "umbigo do sonho" (do qual falarei adiante), e evita submeter os pontos sem sentido ao sentido dominante, pelo contrário: trata-se de deixar que os pontos sem sentido proliferem, para que dessa amplificação criem-se novas coordenadas de sentido não subjugadas à ordem simbólica, ou ao sentido dominante das coisas. "O caminho de casa, noite clara, nítida consciência do puro e simples torpor que há em mim, tão distante da grande claridade que, desimpedida, se espalha por completo" (KAFKA, 2021, p. 334).

Guattari chama de "traços de singularidade" (2022, p. 14) esses elementos da máquina de Kafka que destoam em relação a uma linearidade simbólica apresentada pelo sonho. São elementos que dizem algo, que arrastam a linearidade para uma bifurcação, desviando o sonho de uma apreensão normativa de sentido e arrastando-o ao seu umbigo, ou à multiplicidade.

A seguir apresento um relato de sonho:

minha casa havia se transformado num barco que estava à deriva no mar. as paredes de dentro, no piso inferior, eram de concreto e estavam cheias de infiltração. tudo ali parecia fadado à destruição da água; mas ao subir até a proa, me deparava com uma vista pacificadora do mar aberto. em certo momento, em meio à vista, eu via uma criança boiando na água, sentia raiva e dor, mas não ficava surpresa, como se algo antes de mim soubesse o que se passava. então eu me aproximava dela e, ao puxá-la pela roupa até o barco, via que aquela criança afogada era eu. nessa altura sabia que estávamos, o barco, a criança e eu, afundando, e precisava ajudar a criança afogada. abandonava o barco, me atirava na água com a criança nas costas e nadava até a praia. ali eu deitava a criança em terra firme e massageava o seu tórax. sem esboçar nenhuma vida, a sua boca se abria e dela saía uma criança idêntica a si, só que viva (Trecho do diário pessoal de sonhos da autora).

Há uma "mutação dos componentes perceptivos" (GUATTARI, 1981, p. 147) que se dá sob a forma de *transfiguração identitária* nesses sonhos, e isso vai acontecendo de diversos modos em cada um; como algo que passa de um estado a outro por meio do funcionamento de certos duplos, como por exemplo: casa-barco; criança-adulta; mar-terra firme; criança afogada-criança viva. Esses duplos colocam em funcionamento uma dinâmica de transitoriedade identitária no sonho.

Essas passagens, me parece, dão-se numa confluência ritmada nos sonhos: são estados que carregam-se uns aos outros, não são dicotômicos e não representam rupturas. Na verdade, o sonho acontece na própria imagem da metamorfose: nos momentos em que uma coisa passa a ser outra, é como se o sonho respirasse, e pudesse então seguir em frente.

O que está em jogo e o que faz com que um certo jogo se dê nos sonhos é a transformação de uma coisa em outra; e é como se o sonho desse as condições éticas para que uma coisa se movesse de uma identidade a outra, sem que isso destruísse a identidade anterior, sem que esse movimento fizesse o sonho perder o contato com uma ordem simbólica que organiza as cenas.

O que acontece é que é justamente o ato da transfiguração identitária que gera uma concomitante acomodação da ordem simbólica vigente, um rearranjo contextual. Trata-se, portanto, não da dissolução total da identidade anterior, mas de um gasto dela. Gasta-se a identidade em função de um solipsismo que se faz num exercício ético; pois, ao gastar a identidade, ela deixa de ser hegemônica e definidora das relações que se fazem no sonho. Dessa forma, torna-se um componente de passagem, cuja função passa a ser de transportar, ou transmitir, ou fazer passar de uma forma a outra. O sonho não abre mão da identidade, mas usa-a em sua mais alta potência, até que ela seja arrastada para uma multiplicidade.

Clinicamente, pode-se dizer que essa é uma operação próxima à da sublimação, pois uma coisa não é suprimida pela outra; não se trata de perder o estado anterior da coisa, mas de vertê-lo em outra direção; é um jogo em que nada oculta nada, tudo se transforma. E isso acontece através de algumas zonas de opacidade que aparecem nesses sonhos como dispositivos de passagem, de transição de um estado a outro.

No sonho relatado essa zona de opacidade é criada quando as paredes de concreto se mantêm na passagem da casa que se transforma num barco, e que são infiltradas pela

água. As paredes que se mantêm não impossibilitam a passagem da forma de casa para a forma de barco, mas também não deixam de ser as paredes que eram, e por isso são infiltradas pela água. Essa concomitância de formas só é possível porque a forma, ou o arranjo identitário, perde seu lugar hegemônico na pragmática do sonho, dando lugar à passagem das formas, à sua transfiguração.

De modo análogo, poderíamos dizer que a criança viva que sai pela boca da criança afogada, no fim do sonho, é um movimento que se dá na criação de uma zona de opacidade entre o que se entende, simbolicamente, por vida e morte. Quando a criança afogada abre a boca, meio morta, meio viva, e dela sai uma criança viva que é idêntica a si, vida e morte não apenas coexistem, como também se tornam operações no sonho. Isso coloca em questão, potencialmente, todo um arsenal interpretativo que poderia ser dado ao sonho anteriormente, se lhe fosse atribuído um certo sentido à criança supostamente morta que boiava na vista do mar aberto.

Objetivamente, seria possível dizer que a pragmática do sonho, com seus componentes de passagem, pode virar do avesso a estruturas simbólicas que seriam usadas para interpretar o sonho. Por isso se faz importante diferenciar a interpretação de uma decifração pragmática do sonho. Decifrar um sonho em seu exercício pulsional, nesse caso especificamente, é acompanhar o reviramento que ele produz nas noções de vida e morte como um movimento real, e não simbólico.

As mutações de universo (GUATTARI, 2022) configuram a capacidade dos traços de singularidade de alterar noções referenciais da realidade, como tempo, espaço, corpo e desejo. Como a transfiguração espacial da casa em barco, ou da criança morta na criança viva, no sonho relatado. Essas mutações se dão suavemente, sem entrar em choque com a suposta ordem simbólica dominante. O sonho não supõe que essa ordem seja dominante, então as mutações acontecem sem que ela necessariamente saia de cena, ainda que deixe de ser suposta, naturalizada e dominante.

Guattari (2022, p. 23) traz um levantamento que permite compreender os efeitos vividos na obra de kafka em três dimensões, que ele nomeia como: 1) "impressão de desdobramento", quando há uma outra dimensão de realidade, que não se concretiza necessariamente, mas deixa uma impressão de que existe, como a sensação de um homem que caminha a seu lado, experimentada por um dos personagens de Kafka; 2) "metamorfoses intersubjetivas", sentir-se corporalmente próximo de algo ou alguém sem

que essa proximidade exista materialmente e, por fim, 3) "misturas incorporais entre corpos", quando há a sensação de fusão entre corpos que materialmente são distintos.

Ao falar desses elementos, Guattari (2022, p. 27) entende que Kafka inventa "um novo modo de produção de subjetividade por meio da literatura". Kafka aprende o funcionamento dos sonhos, produtor de outras formas e modos de subjetivação e usa-o enquanto dispositivo em seus textos literários. E, ao fazer isso, pode-se dizer que ele arrasta o ar do sonho para um outro plano material, o da literatura. Ou, em outras palavras, que ele usa a literatura para continuar sonhando. Nas palavras de Guattari (2022, p.28), esse trabalho de Kafka com os sonhos "marca uma abertura analítica sobre exteriores insuspeitados".

Diante desse tratamento dado aos sonhos, trago o fragmento de um relato de sonho em que uma analisante sonha com sua analista, num contexto que distorce as estruturas espaciais e simbólicas de um encontro de análise:

chegava na sua sala, tirava os sapatos e não pensava, deitava em seu colo. você me acariciava os cabelos, sem se espantar com o meu gesto e, depois de quase uma hora naquele carinho, em total silêncio de palavras, você se levantava e eu entendia isso como um sinal de que a sessão havia acabado. ao me levantar, percebia que a sua sala tinha se transformado na minha (Trecho retirado do diário pessoal de sonhos da autora).

Podemos pensar como esse sonho distorce os dispositivos centrais da análise, o divã e a fala, transformando-os em colo e carinho, mas ao mesmo tempo, alguma estrutura desse encontro se mantém: a duração de quase uma hora. Ou seja, o sonho sugere que ainda se trata de um encontro analítico, ainda que os elementos simbólicos que o caracterizam tenham sido transformados em outros. No final, a transformação da sala da analista na sala de/a/o analisante traz uma mistura dos componentes cujas formas foram distorcidas no decorrer do sonho.

Penso nas reverberações da potência transfiguradora dos sonhos que relato. O que pode um sonho? O que pode um sonho quando ele relata a si mesmo? Não falo somente dos sonhos em que se têm consciência de que se sonha, mas de uma sensibilidade, ou de uma inteligência que não cessa de conduzir certos sonhos ao seu umbigo: há ali uma sensação de estar sendo arrastado para esse lugar transfigurador na medida em que as micro-transfigurações acontecem. E a minha maior surpresa, que é também a maior incógnita que rege esta escrita é: não há angústia nesse arrastar.

Há, na verdade, uma suavidade, um movimento, poderia se dizer, que é erótico entre as passagens de identidade: deitar a cabeça no colo da analista, carregar uma criança afogada idêntica a si nas costas, depois massagear o seu tórax. Esses são exemplos dessa suavidade que move as transfigurações identitárias, ou a transformação das formas expressas nos sonhos relatados. A forma, ou o sentido, não são completamente perdidos, ao contrário: são usados em sua máxima potência, mas não são eles que movem o sentido do sonho, há algo além...

Esse algo, que escapa, não se trata aqui de tentar capturá-lo, ou conceituá-lo, mas de ficar com essa linha de fuga, de experimentar o seu movimento como aquilo que dá o tom, ética e esteticamente, do funcionamento dos sonhos. Nesse sentido, propor um exercício pulsional de decifração dos sonhos, ou tomá-los como produtores de um autodiagnóstico, não tem como intuito extrair dos sonhos uma resposta, ou um significado, mas aprender algo a partir de seu funcionamento.

Seria também o que faz o trabalho do sonho, em uma perspectiva pós-freudiana? Não se trata mais de partir à procura de chaves interpretativas entre um conteúdo manifesto e um conteúdo latente, mas de transformar sua maneira de expressão, de lhe dar uma intensificação ontológica, simplesmente pelas passagens sucessivas: 1) do sonho no ato de ser vivido; 2) do sonho ao despertar com seu caráter de uma **reviravolta semiótica**, que faz com que se perca 99% disso, mas cujo centésimo salvo assume uma função fractal em relação aos 99% perdidos; 3) o sonho contado a um terceiro ou escrito; 4) o sonho contado durante uma sessão analítica, etc...

É toda essa atividade de reterritorialização, de recomposição de territórios existenciais específicos, de entrada em matérias de expressão heterogêneas, que constitui o "trabalho" do sonho e que faz com que ele possa desembocar em uma obra literária, em uma dimensão axiológica, um processo criativo. (GUATTARI, 2012, p. 28, grifo meu)

É dessa reterritorialização que se trata o exercício clínico do sonho. Mas o sonho em si não exerce essa recomposição, essa reterritorialização se faz na medida em que se ocupa esse território inaugurado pelo sonho. Portanto, é preciso exercer o sonho em sua potência clínica e produtora de subjetividade.

E, se exercê-lo consiste em acompanhá-lo, é importante que se pense no processo pragmático desse exercício, que consiste em deixar-se arrastar pelo sonho, em deixar-se sonhar, não apenas enquanto efetivamente se sonha, mas também antes e depois. Relatar o sonho, produzir escuta para o sonho, são modos de colocar-se nesse exercício, de habitar a maquinaria do sonho, a sua processualidade, de estar à altura do trabalho do sonho e de fazer parte dele.

Freud dizia que o sonho era feito a partir de um umbigo, que desde esse ponto é que um sonho se desenvolve. Podemos pensar que o exercício pragmático de decifração dos sonhos se trata, então, de um movimento em direção a esse umbigo.

Mesmo no sonho mais minuciosamente interpretado, é freqüente haver um trecho que tem de ser deixado na obscuridade; é que, durante o trabalho de interpretação, apercebemo-nos de que há nesse ponto um emaranhado de pensamentos oníricos que não se deixa desenredar e que, além disso, nada acrescenta a nosso conhecimento do conteúdo do sonho. Esse é o umbigo do sonho, o ponto onde ele mergulha no desconhecido. Os pensamentos oníricos a que somos levados pela interpretação não podem, pela natureza das coisas, ter um fim definido; estão fadados a ramificar-se em todas as direções dentro da intrincada rede de nosso mundo do pensamento. É de algum ponto em que essa trama é particularmente fechada que brota o desejo do sonho, tal como um cogumelo de seu micélio (FREUD, 1996, p. 125)

Ao elaborar sobre o umbigo do sonho, Freud situa ali, nesse ponto ininterpretável, o desejo que desencadeia a formação inconsciente do sonho. Podemos pensar no micélio do sonho, de onde brota o desejo, como esse ponto cuja obscuridade se desdobra num corpo visível, ou significável. O micélio pode ser pensado como uma radiofonia dos sonhos, uma comunicação que acontece entre o virtual e o atual, no espaço a-significante, obscuro à interpretação.

O sonho é uma máquina de comunicação do inconsciente pulsional com as formações do inconsciente que foram colonizadas pela linguagem. Sendo assim, o umbigo é aquilo no sonho que remete ao fora, ou à extemporaneidade do próprio sonho: o ponto no qual ele se conecta com o lugar de onde veio, antes da linguagem, antes da colonização, antes do eu, e que é também o lugar ao qual ele conduz.

Pensar o umbigo do sonho como o que resta do fora no inconsciente é, antes de mais nada, um ato de involução do pensamento em relação aos universos referenciais, ou um retorno ao "estado nascente" (GUATTARI, 1985, p. 161). O que esse micélio não cessa de comunicar se dá, justamente, na obscuridade do sonho. E, sobre isso, Freud constata que "o desejo representado no sonho é necessariamente infantil" (FREUD, 2019, p. 605), entendendo a formação do sonho, sobretudo, como produto de desejos infantis que foram reprimidos. Dessa forma, reserva um lugar quase desimportante aos desejos adultos nos sonhos, entendendo que não é desse lugar (castrado, simbolizado e neurotizado) que o sonho vem.

E os sonhos aqui trazidos nos inspiram, em sua movência, um trato clínico do inconsciente, como se nos lembrassem da plasticidade do inconsciente, de sua habilidade criadora. Habilidade essa que foi perdida pela neurotização da subjetividade e pela captura do inconsciente pelo “regime colonial-capitalístico” (ROLNIK, 2019, p. 30) de produção de mundo, de norma e de subjetividade.

Os sonhos, nesse sentido, são clínicos em seu potencial deformador, de transformação de formas tidas como imutáveis pela norma social e pelo registro simbólico do inconsciente. Nesse sentido, podemos dizer que a decifração pragmática dos sonhos aspira entendê-los como um real virtualmente instaurado pelo inconsciente; ou, um verdadeiro ato performático do inconsciente que, ao se fazer escutar, nos leva ao ato de sonhar junto.

É para que essa passagem se dê que o sonho precisa diagnosticar a linha de fuga que o arrasta, não para controlá-la, para prever o seu rumo, temendo-a; mas para poder agarrar-se a ela, para escutá-la, para aliar-se ao movimento que ela evoca. Por isso nesses sonhos fica perceptível a existência de um ritmo, de uma sensorialidade que faz entender o que se passa; essa sensorialidade se coloca no lugar da linguagem, porque a linguagem não sustentaria a desterritorialização como aliada. E, do mesmo modo, a interpretação simbólica não sustenta se aliar à linha de fuga. Para isso é preciso exercer o sonho, fazer dele uma clínica, para que ele se torne uma máquina produtora de virtualidades, ou uma máquina arqueóloga do futuro.

Aprender com o próprio funcionamento dos sonhos, uma vigilância, uma inteligência e uma sensibilidade, aos moldes da maquinaria Kafkiana, que possam ser aliadas do sonho na produção de um diagnóstico dele mesmo, não num sentido individualizado de uma certa psique, ao contrário, no que o sonho evoca de impessoal; naquilo que, nele mesmo, continua arrastando-o para fora. Para fora do indivíduo, para fora da norma, para fora do sentido. É desse movimento que se trata a decifração pulsional dos sonhos, na medida em que se entende que decifrar é um ato de passagem do sonho para fora do sonho. Ou seja, de aprender o seu movimento em direção ao fora, e deixar que o próprio sonho nos leve para fora de si mesmo.

A tradição epistemológica eurocêntrica costuma tratar o sonho como uma experiência mental, individual e representativa. Seja pela psicanálise, pela neurociência, ou pela análise do inconsciente, a experiência do sonho costuma ser vista como um

exercício mental em que imagens, memórias e sensações são vividas por ume sujeito em seu corpo-mente individualizados. Ainda que essas imagens representem símbolos e experiências que por vezes são coletivas, na psicanálise e na análise do inconsciente, esses sonhos são interpretados simbolicamente e tratados individualmente no *setting* terapêutico como parte de um processo clínico.

Na cosmovisão yanomami, os sonhos são experiências éticas e políticas. E isso significa que o que se sonha se vive de fato em uma dimensão que é corpórea e espiritual. Limulja (2022) descreve que para os yanomami, sonhar é habitar a noite, é viver, portanto, na dimensão da noite. E as experiências que são vividas durante os sonhos são consideradas em sua literalidade, sendo assim uma experiência que foi de fato vivida por aquele sujeito e/ou comunidade. Se um yanomami sonha que é atacado por uma onça, ele foi atacado por uma onça enquanto habitava aquela dimensão da noite.

Sendo assim, os três aspectos pelos quais o sonho é considerado pelas epistemológicas eurocêtricas caem por terra na cosmovisão yanomami. Para eles, o sonho é uma experiência corpórea, em que se habita outra dimensão da vida. É também uma experiência coletiva, em que é possível encontrar seres conhecidos, desconhecidos e até mortos. E, por último, o sonho é real e, uma vez sendo tratado como uma experiência real, não cabe interpretá-lo, mas produzir dele um relato, compartilhá-lo coletivamente.

Ao se referir ao modo de viver e de sonhar dos brancos, Kopenawa e Albert (2015, p. 390) dizem que os brancos "só sonham com eles mesmos". E isso diz muito sobre a experiência mental, semiótica e linguística sob a qual o "regime de inconsciente colonial-capitalístico" (ROLNIK, 2018, p. 29) opera, dentro de uma representação da vida em que o humano ocupa um lugar que é individualmente superior em relação a outros seres e modos de vida, de modo que o sonho seja experimentado como um mero reflexo dessa hegemonia do humano individual.

Assim, é possível considerar que o sonho dos brancos não exerce a potencialidade não porque não seja possível, sendo branco, sonhar para além de si, mas porque o sonho não está sendo exercido em seu potencial vivo, enquanto realidade, pois está submetido a uma representação de mundo que se supõe ser real. A esse respeito, uma reversão seria necessária: torcer a representação, que se supõe real, e exercer o real do sonho, que na lógica branca é experimentado como representação.

A respeito da interpretação dos sonhos dos yanomami, Limulja diz que o processo de elaboração a respeito da maior parte dos sonhos se baseia num entendimento literal dos acontecimentos; não se trata de uma representação da realidade, mas da própria realidade. Se alguém sonha que foi picado por uma cobra, tenta evitar que isso aconteça ao longo do dia. Contudo, há alguns sonhos que têm significados, por exemplo: sonhar que uma pessoa aparece adornada significa mau presságio.

Ainda assim, Limulja diferencia o exercício de pensar sobre os sonhos, muito comum entre os brancos, do exercício de ser pensado pelos sonhos: "as operações que os Yanomami fazem entre seu conteúdo e sua interpretação, seja esta literal ou metafórica, dizem menos sobre como eles pensam em seus sonhos do que sobre como os sonhos são pensados através deles" Limulja (2022, p.83).

Ser pensado por um sonho, eis a operação que diferencia a abordagem branca e racionalista em relação aos sonhos da abordagem yanomami. O sonho que pensa um sujeito é um sonho ativo, e o pensamento que ele exerce, um pensamento que está além do humano e do inconsciente estruturado pela neurose, como entendem os brancos. Não se trata de um sonho individual, mas de um sonho impessoal.

"O sonho yanomami é esse não lugar onde todas as imagens se encontram e onde se está mais acessível a esses tantos outros e, sobretudo, às suas intenções" (Limulja, 2022, p.102-103). Sonhar com alguém ausente, por exemplo, quer dizer que essa pessoa com a qual se sonhou está sentindo saudades da pessoa que sonha. Aqui a operação de outridade é bem evidente: o sonho não diz respeito ao desejo do sonhador, mas ao desejo dos outros, que pelos sonhos se manifesta. "A pessoa que sonha é objeto do desejo daquele com quem sonha e, portanto, encontra-se em uma situação vulnerável em relação a esse outro" (Limulja, 2022, p. 107).

Quando se fala em outridade, para os yanomami, não se trata de uma duplicidade, de um outro separado de si; fala-se, ao contrário, no outro como "parte do complexo que compõe a pessoa yanomami" (Limulja, 2022, p. 112). O sonho como desejo dos outros, e não como desejo individual, portanto, trata-se do desejo em uma dimensão de pertencimento coletivo, em que é possível sonhar com o desejo dos outros, uma vez que "os outros" não são o "não-eu", mas compõem a realidade de quem sonha.

Ao dormir, entra-se em "estado de fantasma" (Kopenawa; Albert, 2015, p. 400), que é o estado no qual a imagem (*utupë*) se separa do corpo; e assim é que os yanomami

sonham, tornando-se outros. Os yanomami entram em estado de fantasma também quando ingerem substâncias alucinógenas, ou quando estão com dor e/ou doentes, trata-se uma alteração da consciência que os leva a uma percepção que é regida pelo psiquismo. Nesse estado, a imagem se descola do corpo e anda pela floresta. As pessoas comuns não costumam ir longe em seus sonhos, diferentemente dos xamãs, que se relacionam com os espíritos *xapiri* (ou espíritos da floresta) e são capazes de percorrer longas distâncias em estado de fantasma.

Essa separação da imagem do corpo não é figurada, é real, por isso o sonho não é representativo, é uma dimensão da vida yanomami. É sonhando que eles sintonizam o pensamento com o cosmos: "Fator de vinculação do pensamento ao cosmos, o sonho é condição de possibilidade do "trabalho sem descanso para impedir a floresta de retornar ao caos" (Kopenawa, Albert, 2015, p. 197).

A partir disso, eu diria que na cosmovisão yanomami do sonho, enquanto organizador do pensamento, ele exerce um trabalho clínico do cosmos, um exercício de constante diagnóstico da floresta, feito por cada um que sonha, em estado fantasma, em rede coletiva de desejos que se comunicam. Digo diagnóstico, torcendo o próprio sentido que a palavra "diagnóstico" tem no vocabulário moderno ocidental, para extrair dela a sua potência clínica, que é justamente operar contra os diagnósticos (ou significados) atribuídos pela norma hegemônica. O sonho tem um papel fundamental para os yanomami, assim como as alterações de consciência causadas pelos alucinógenos em práticas ritualísticas, e também a dor e a doença, experimentadas em uma dimensão de cura. O sonho, portanto, é ético e político, porque ele mantém a floresta viva.

Uso a cosmovisão yanomami para aproximar o sentido em que tenho pensado a potencialidade do sonho em sua dimensão diagnóstica, ou autodiagnóstica, de cultivo das virtualidades, que são reais e compõem as formações do inconsciente. O sonho yanomami opera como parte do funcionamento da floresta, por isso não se reduz a uma representação, ou a um indivíduo. O sonho nesse aspecto não mental, mas real, é o que possibilita que se pense num exercício autodiagnóstico do sonho, em que ele, já em sua formação, sugere um caminho a ser escutado e decifrado enquanto exercício da própria pulsão, ou seja, da vida agindo em sua impessoalidade por meio do pensamento inconsciente.

Esse funcionamento de contínuo escape às representações, que é o que confere ao sonho sua existência real, e não simbólica, é isso que produz as larvas em um sonho. Poderíamos aproximar o exercício do sonho, nesse sentido, de um cultivo de virtualidades, já que essa proliferação de larvas que a maquinaria do sonho faz, em seu funcionamento, é uma verdadeira maquinaria de virtualidades. A respeito do uso da palavra "virtualidade" em relação com o sonho, faço uso da ideia de Souriau (2020, p. 83-84) a respeito das "existências virtuais", em que elas constituem "o próprio existente real começando a se manifestar":

A existência virtual é, portanto, de uma extrema pureza, de uma extrema espiritualidade. Sob certos aspectos, podemos considerá-la como uma depuração do imaginário. Porém, o virtual guarda sempre um caráter de *abaleidade* que pode desvalorizá-lo em alguma medida; ele precisa de um ponto de apoio. Inclusive é isso o que o constitui e o define. Ele é um condicionamento condicionado, estreado em um fragmento de realidade estranho a seu próprio ser e que é como que sua fórmula evocatória (SOURIAU, 2020, p. 83-84).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É a partir da dimensão política, ética e clínica do sonho que eu gostaria de pensá-lo em sua potência de autodiagnóstico. O sonho pelo qual alguém é pensado, o sonho que fala do desejo dos outros e que organiza o pensamento em sua potência coletiva e impessoal. Pensar o sonho como um diagnóstico de si mesmo, desde esse lugar, é deslocar as noções de *sonho* e de diagnóstico para um território de sonho-diagnóstico ativo, em que eles exercem conjuntamente a si mesmos, em que não estão submetidos a funções representativas externas da psicanálise ou da medicina. É produzir no sonho um ninho para alimentar as larvas que ele produz. Esse caráter animista do sonho, no ocidente regido pela racionalidade neurótica/neurotizante, pode ser pensado como seu caráter pulsional, ou originário, no que ele se manifesta enquanto exercício da pulsão no inconsciente (SCHIAVON, 2019).

Para retomar o pensamento de Souriau, o fato de que a coexistência do virtual com o real se dá no ponto em que o real aparece como estranho a si mesmo é de nítida percepção nos sonhos. O estranhamento de algo que se manifesta, por vezes imageticamente, irreal em demasia. Em alguns relatos, esse irreal aparece acompanhado de uma sensação de realidade tão forte quanto o caráter irreal das imagens; ou, ao contrário, sonhos cujas cenas se aproximam da realidade, mas cuja sensação atesta um

grau de irreabilidade. Esse ponto, em que real e irreal se aproximam, reside nele o caráter de virtualidade, ou as larvas do sonho.

Como disse Artaud (2021, p.18) "toda vez que a vida é tocada, ela reage pelos sonhos e pelas larvas". Os sonhos, que também podem ser experimentados como larvas do pensamento, dão notícias da materialidade da vida presente no pensamento, antes de o pensamento assumir uma função representativa, racional e de se organizar logocentricamente, ou a partir da repressão neurótica, em sua função recalcante do que se apresenta como *pathos* (ou como paixão, afeto); antes disso tudo o pensamento é material, "o inconsciente é físico" (ARTAUD, 2021, p. 16) e é possível senti-lo.

A questão que se coloca para o inconsciente regido pelo modo de subjetividade dominante na cultura vigente, que é a neurose, é: o que pode um sonho? Enquanto matéria do pensamento, enquanto exercício da pulsão, matéria de expressão do que a neurose ou reprime ou significa enquanto inútil, o que pode um sonho? Em seu movimento de fuga do sentido, em sua espiral sensorial e em seu mistério biológico, o que pode um sonho?

É por isso que para o pensamento racionalizado, ou para a psique neurotizada, os sonhos só "servem" em seu potencial representativo, naquilo que eles podem significar para uma subjetividade significada por um significante pré-determinado. Os sonhos, em seu caráter pulsional, não dão a mínima para o significante (ainda que os sonhos possam usá-los, que eles estejam presentes nas imagens sonhadas), para a razão, ou para a norma social vigente. Os sonhos apresentam, na maior parte das vezes, saídas para a vida sufocada pelo excesso de significado, de norma e de linguagem. Aprender com os sonhos o seu ritmo, aquilo que os move em uma certa direção, interessa muito mais no que diz respeito ao cultivo de virtuais que os sonhos fazem.

E, se o cultivo de virtualidades é a potência ética e política que os sonhos trazem para a vida de vigília, então nos resta escutá-los, registrá-los e, por fim, vivê-los em sua dimensão material, que é uma clínica viva do pensamento.

Sobre o artigo:

Recebido: 01 de agosto de 2024

Revisado: 24 de novembro de 2024

Aceito: 06 de março de 2025

REFERÊNCIAS

- ARTAUD, A. **Mensagens revolucionárias**. São Paulo: n-1 edições, 2021.
- FREUD, S. **A interpretação dos sonhos (II)** e Sobre os sonhos (1900-1901). Vol V. Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. **A interpretação dos sonhos** (1900). Obras completas volume 4. São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- FREUD, S. **Um caso de histeria e Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GUATTARI, F. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 2012, 2a edição.
- GUATTARI, F. **Máquina Kafka**. São Paulo: n-1 edições, 2022.
- GUATTARI, F. **Revolução Molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Brasiliense, 1981, 1a ed.
- KAFKA, F. **Diários: 1909-1923**. São Paulo: Todavia, 2021.
- KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. São Paulo: Companhia das letras, 2015, 1a ed.
- LIMULJA, H. **O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami**. São Paulo: Ubu editora, 2022.
- ROLNIK, S. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: n-1 edições, 2018, 1a ed.
- SCHIAVON, J. P. **Pragmatismo pulsional: clínica psicanalítica**. São Paulo: n-1 edições, 2019.
- SOURIAU, E. **Diferentes modos de existência**. São Paulo: n-1 edições, 2020.